

O populismo pela análise pós-estruturalista laclauniana

Sandra Barbosa Parzianello¹

Resumo: O populismo se apresenta no século XXI com o *status* de fenômeno. A importância empregada ao termo articula esforços teóricos e intensos debates a procura de definir um significado a este. Tendo em vista esse desafio, que ronda as Ciências Sociais, especialmente a Ciência Política, elaboramos esse artigo com o objetivo de enriquecer o acesso às abordagens contemporâneas do populismo, entendido enquanto fenômeno político. Por esse viés, o populismo trata de se colocar antagonicamente ao elitismo econômico e político, que renega a soberania popular como base da democracia.

Palavras-chave: Populismo; Pós-estruturalismo; Ernesto Laclau.

¹ Doutoranda e Mestra em Ciência Política pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Política (PPGCPol) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); integrante do Grupo de Pesquisa Ideologia e Análise de Discurso (IdAD/UFPel); pesquisadora Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES.

Abstract: Populism gained a phenomenon status in the 21st century. Its concept involves the search for the definition of its meanings through many theoretical and methodological efforts. This challenge is very present in Social Sciences, especially in Political Science. For this reason, we elaborate the present article with the objective of bringing together some of these contemporary approaches to populism as a political phenomenon. It stands antagonistically to the economic and political elitism that denies popular sovereignty as the basis of democracy.

Keywords: Populism; Poststructuralism; Ernesto Laclau.

Introdução

O fenômeno populista agrega uma ampla e variada discussão na Ciência Política, em recorrência e pela forma com que é tomado nos estudos latino-americanos. Trata-se de um tema amplo e introduzido na agenda das Ciências Sociais durante os anos 50, devido à ascendente inquietação de estudiosos como cientistas políticos, historiadores e sociólogos, que procuravam explicar o termo “populismo”, ainda de forma limitada e estrutural.

Classicamente, o termo foi tratado não enquanto fenômeno de possibilidades, mas como discurso depreciativo devido às especificidades das experiências históricas, de modo a postular sua eliminação ao censurar o debate em muitos momentos acadêmicos. Consideramos que, justamente e a partir das experiências históricas na América Latina, fez-se necessário manter ênfase a essa categoria para a pauta dos debates, contemplando abordagens nas quais o populismo toma sentido enquanto lógica da política. O final do século XX e a virada para o século XXI constituíram cenários em que se deu a retomada e ascensão dos trabalhos sobre populismo.

Pelo presente ensaio, temos a intenção de colaborar com o debate sobre a possibilidade de sentido empregado ao populismo, mais especificamente, na contemporaneidade, quando se leva em consideração o resgate teórico político que articula experiências e processos de identificação. Conforme veremos, as contribuições de Freud ajudam a iluminar a essência do político que se faz presente na experiência populista, convergindo em certa medida fundamentos da psicanálise e da ciência política. Esperamos analisar o populismo contemporâneo considerando aspectos da história presente, de sua precariedade e toda sua contingência.

Algumas noções sobre o populismo

Uma das principais referências sobre o populismo no século XXI e mais especificamente sobre os estudos latino-americanos se encontra no pensamento do teórico político argentino, Ernesto Laclau (1935-2014), que nos possibilita um caminho de teorização e de análise consolidado pela Escola de Essex da Análise do Discurso, Inglaterra². Suas contribuições levam a rejeitar o determinismo

² Ernesto Laclau atuou por muitas décadas na Universidade de Essex, onde criou o Programa de Ideologia e Análise de Discurso. O Programa acolhe estudantes e pesquisadores do mundo todo, que desempenham esforços teóricos e analíticos a partir da teoria do discurso de Laclau, enquanto um paradigma de referência.

econômico marxista e a noção de luta de classes como sendo o único determinante antagônico na sociedade.

Ao reconhecer a pluralidade de antagonismos que, perante as condições históricas, revela unidades de grupos pela articulação de demandas existentes, temos um conjunto de decisões teóricas e necessárias para que algo como “populismo” seja abordado. “A mais relevante, talvez, para nosso tema, é aquela segundo a qual o populismo não é uma ideologia, mas uma forma de construção do político” (LACLAU, 2013, p.21).

Foi na década de 70 que Ernesto Laclau observou o populismo como algo ainda a ser explorado teoricamente e aguardou o momento certo, a maturidade teórica e acadêmica necessárias para realmente expor seu pensamento sobre o tema³. A categoria ganha notoriedade na obra *A Razão Populista* (2013), momento em que o autor aborda sobre a natureza e o conceito de populismo no discurso político, fundamental para a discussão sobre representação e democracia, como também o papel do povo em servir aos atores políticos. “A meio caminho entre o descritivo e o normativo, o populismo pretende apreender algo crucialmente significativo sobre as realidades políticas e ideológicas a que se reporta.” (LACLAU, 2013, p.33). O autor reflete sobre os elementos ontológicos da política e a lógica populista, que permite uma forma de construção de identidades, em que se ouve e se dá voz às identidades populares como possibilidade de reivindicação e às múltiplas possibilidades de aparição.

Laclau adverte para o olhar equivocado e, por vezes, negativo, sobre a operação populista⁴ que conduz a enganos como quando determinado líder induz as massas a incorrerem, ou, à ocorrência de populismo devido a um subdesenvolvimento político de uma nação, conforme podemos observar na hipótese abaixo:

Daí que a interpretação do comportamento popular sob formas populistas deva recorrer às diferenças de *sequência* e de *rapidez* dos processos de mudança entre a América Latina e a Europa que caracterizariam a particular *assincronia* da transição ou a noções negativas como: “*falta de experiência política*” ou “*falta de experiência de classe*”. (WEFFORT, 2003, p.106).

³ Enquanto isso escrevia com sua companheira belga, Chantal Mouffe, a obra “Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical”, lançada originalmente em 1985 e traduzida para o português somente em 2015. A publicação defende como tese central que a objetividade social é constituída por meio de atos de poder.

⁴ “Todo o sucesso da operação populista depende de fazer com que o momento universalista prevaleça sobre o momento particularista.” (LACLAU, 2013, p.289).

A visão histórica conturbada (que não considera a precariedade além da organização de classes, de cada momento político, nem mesmo a geografia política contingente e que passa a julgar) conduz à ideia de “*um valor interpretativo por vezes duvidoso*”, conforme aponta o cientista político, Francisco Weffort. Dessa forma, se distorce o que há sobre o populismo ao colocá-lo dentro de um recorte negativo, sinônimo de demagogia. Para guiar-se teoricamente, consideramos a seguinte hipótese:

(...) o impasse que a teoria política experimenta em relação ao populismo está longe de ser acidental, pois tem suas raízes fincadas na limitação dos instrumentos ontológicos atualmente disponíveis para a análise política; o populismo, enquanto *locus* de um empecilho teórico reflete alguns limites inerentes ao modo pelo qual a teoria política abordou a questão de como os agentes sociais “totalizam” o conjunto de sua experiência política. (LACLAU, 2013, p.34-35).

No populismo é corriqueira a forma como as massas são vistas, em profundo estado de desconfiança. *A Razão Populista* de Laclau propõe uma abordagem sobre questões e interrogações básicas, como: “(...) de que realidade ou situação social o populismo é a *expressão*?” (LACLAU, 2013, p.52-53). “(...) a “vagueza” dos discursos populistas não é consequência da própria realidade social que, em algumas situações, é vaga e indeterminada?” (Idem). Para responder estas questões partimos do plano ôntico, da relação negativa atribuída ao populismo e de elementos do âmbito político.

Tomado por uma série de impossibilidade e imprecisão na abordagem, o populismo torna-se refém dos procedimentos adotados enquanto sinônimo de “vagueza”, “imprecisão” e “pobreza intelectual”, que pode relegá-lo à “mera retórica”, no sentido original da palavra, de caráter tão manipulador quanto a ideia de que as massas são enganadas por um líder inescrupuloso. Assim, sabendo que não existe política sem a atribuição de valor e sem a constituição de um inimigo, “(...) podemos dizer que o progresso na compreensão do populismo requer como condição *sine qua non*, regatá-lo de sua posição marginal no interior do discurso das ciências sociais.” (LACLAU, 2013, p.55).

A lógica laclauniana é interpretada não como algo fechado e normativo, mas enquanto possibilidade discursiva, em que a articulação e a demanda de um grupo têm sua origem a partir das experiências populistas muito mais propensas a falhas e erros do que de acertos. O populismo assume um direito de fissurar o sistema político, pela reivindicação a uma ordem estabelecida, que divide a

sociedade em dois polos ou movimentos ambíguos e contraditórios, que podem se cristalizar. “(...) o populismo se apresenta como *subversivo* (...) para uma *reconstrução* mais ou menos radical de uma nova ordem sempre que a ordem anterior foi abalada.” (LACLAU, 2013, p.255).

Segundo o autor, não é possível satisfazer todas as forças heterogêneas que constituem uma coalizão⁵. Esta heterogeneidade ou diferença está em uma estrutura em que ocupa uma posição de base para articulação (não essência) a partir de uma cadeia de equivalências⁶ políticas que se tornam heterogêneas e homogêneas. Os mecanismos de análise do populismo são meios de pensar o “povo”, como uma categoria política, sobre a constituição das identidades e a demanda sociopolítica que gera, discursivamente, a ideia de grupo. “Esse conjunto pressupõe uma assimetria essencial entre a comunidade como um todo (*o populus*) e os “de baixo” (*a plebs*).” (LACLAU, 2013, p.318).

Portanto, as experiências populistas visam à articulação de um povo que se coloca contra os seus inimigos. Não se pode chamar qualquer fenômeno de populista, mas, deve-se perceber que em cada experiência podem haver diferentes gradações de populismo. Se tomarmos o caso brasileiro, por exemplo, a experiência com o lulismo⁷ é reveladora, ainda que muitos teóricos possam discordar ou mesmo não admitir. Lula é um nome que representou e representa o povo, enquanto constituição de uma identidade coletiva e enquanto resultado da articulação entre a lógica da diferença⁸ e lógica da equivalência⁹. Por estabelecer uma fronteira antagônica, o populismo representa uma homogeneização política que o nome Lula articula a partir de um complexo processo de mobilização de heterogeneidades, a ponto da articulação entre identidades isoladas pela formação discursiva, modificar os conteúdos dessas identidades, o que faz a lógica da

⁵ “Esta requer uma construção social contingente, pois não resulta da natureza positiva e ôntica dos objetos. Foi isso que denominei *articulação* e *hegemonia*.” (LACLAU, 2013, p.318).

⁶ “(...) feita de elos que se dividem entre o particularismo das demandas que eles representam e um significado mais “universal”, proporcionado por sua comum oposição ao *status quo*.” (LACLAU, 2013, p.289).

⁷ A partir da publicação do livro de André Singer, *Os Sentidos do Lulismo*, esse fenômeno tem sido estudado, apesar do autor não admitir o lulismo enquanto uma experiência populista.

⁸ Modos de construir o social. O primeiro enquanto “(...) afirmação de uma particularidade – no caso, uma particularidade de demandas – cujas únicas ligações com outras particularidades são de natureza diferencial (...)” (LACLAU, 2013, p.129).

⁹ Trata da articulação das diferenças, ao estabelecer a possibilidade e constituição da lógica populista, pois, enfatiza “tudo o que as particularidades possuem em comum no plano da equivalência.” (LACLAU, 2013, p.129).

equivalência adquirir certa primazia sob à lógica da diferença.

Logo, a razão política está na busca de satisfazer as demandas existentes, algo impossível, mas inerente ao discurso populista que Laclau chama de “significante vazio”. Tratar sobre política é falar de um impossível já que as demandas no universo político não têm fim, assim, o que faz a política é o momento, a condição discursiva para surgir e sua incompletude.

O populismo de base tem sua origem no Partido do Povo, ou seja, trabalhadores contra os poderosos, em que um determinado grupo se coloca frente aquele que se constitui como inimigo político. Há graus de maior ou menor radicalidade e diferentes fenômenos ocorrem, como as greves, que reforçam a ideia de diferença política e geram característicos graus de subordinação¹⁰. Conforme Laclau, no populismo a *plebs* reivindica ser *populos*, que pode partir de uma revolução, em busca de mudança, de transformação social, sem data marcada, na busca da impossível eliminação do particularismo diferencial. “Essa tensão *sine die* é o que assegura o caráter político da sociedade, a pluralidade das encarnações do *populus* que não conduz a qualquer reconciliação (...) por isso que não existe parcialidade que não mostre, em seu interior, os traços do universal.” (LACLAU, 2013, p.319-320).

A influência de Freud à construção da identificação política

Ernesto Laclau elabora um percurso que agrega a psicologia da vida cotidiana, a teoria e as ideias principais, da psicanálise freudiana¹¹ a fim de compreender com mais clareza sobre a relação do laço social e libidinal. Esta noção está associada à ideia e à relação que se estabelece entre o líder e os liderados, muitas vezes confrontadas por uma carência das relações sociais e reduzidas às leis, à normatização. Alguns autores, entre eles Laclau, reconhecem o populismo como parte e constituição do povo, em que um líder não se constitui pela força, por imposição ou pelo movimento teórico de enganação do povo, já que o líder não é o populista, mas está posto como algo anterior a este processo, que abre caminhos e abre a possibilidade de se avançar politicamente.

¹⁰ Significantes vazios que podem ser frágeis e limitados.

¹¹ “É em relação à diferença entre impulsos sociais e impulsos narcisistas que Freud estabelece a distinção entre a psicologia social e a psicologia individual.” (LACLAU, 2013, p.97).

É partindo do princípio de que o populismo pressupõe um processo de representação e este por sua vez depende da identificação¹² que está diretamente relacionado a um nome (líder) em terreno contingente, que se indica o discurso político em seu conteúdo e mexe com o “*Eu*” ou, com a psicologia das massas “(...) inerentes à formação de qualquer identidade social” (LACLAU, 2013, p.27). Freud trata da sobredeterminação¹³ como um tipo de fusão que possibilita diferentes formas de reenvio simbólico e de pluralidade de sentidos. “Para Freud, a instância da sobredeterminação depende inteiramente de uma história pessoal: não existe nenhum elemento que seja sobredeterminante em si ou por si” (LACLAU, 2013, p.335).

De acordo com a contingência, algumas palavras terão maior ou menor significado no jogo político, geradas pela similitude no discurso, que Freud chamou de “pontes verbais” as quais se traduzem em manifestações e que representam um conjunto de sentidos “(...) traduzidas no deslocamento da relação significante/significado” (LACLAU, 2013, p.63). Assim, pela razão política não há uma negação da possibilidade da revolução ou da possibilidade de o próprio povo liderá-la. Também, não há nada que garanta ou indique um processo revolucionário que deva acontecer ou que, essencialmente, o sujeito deste processo seja o liderado. Mais uma vez, destaca-se que a contingência é uma presença central à tese laclauniana.

Laclau desenvolve sua crítica, em *A Razão Populista*, a partir de autores como Le Bon e William McDougall, que questionavam o valor das multidões¹⁴. A noção de identificação pelas massas, traduzidas pelo fenômeno da “sugestionabilidade”, abre precedentes ao movimento de massas ou um movimento patológico motivado pelo *contágio*. Com este comportamento das massas “a distinção entre racionalidade e irracionalidade coincidiria amplamente com a distinção entre o indivíduo e o grupo.” (LACLAU, 2013, p.67).

Em Laclau é a demanda que formará o grupo, assim parte-se da ideia de demanda e não de grupo, sendo então que a formação da demanda é que formará

¹² “A identificação, diz Freud, “é a expressão mais antiga de um laço emocional com outra pessoa”, vinculada à história do complexo de Édipo.” (LACLAU, 2013, p.100).

¹³ Enquanto muitas variações e acontecimentos que colaboram para determinar uma sociedade.

¹⁴ “(...) o repúdio ao meio indiferenciado que é a “multidão”, ou o “povo”, em nome da estruturação social e da institucionalização.” (LACLAU, 2013, p.111).

o grupo perante uma falta, uma necessidade a ser solicitada, à medida que é atendida, funciona a lógica da diferença. Porém, as solicitações também podem se transformar em exigências, já que uma demanda não atendida é sinônimo de frustração. Então, esta possibilidade e dualidade entre uma demanda e outra é o início do populismo. Desta forma reforçamos que a lógica da equivalência (quando os liderados defendem e exigem os seus direitos) é a lógica do populismo.

Dada a noção de hegemonia enquanto luta pela construção de positividade, incompleta e indeterminada, a liderança da classe operária ou que representa o povo, não depende unicamente das articulações¹⁵, mas ela se dá por uma mudança de qualidade da classe líder da hegemonia. Laclau também observa fenômenos comportamentais em multidões a partir de outras teorias como de McDougall: “(...) a dimensão de homogeneidade que se deve encontrar em qualquer multidão que seja mais do que mero e fortuito ajuntamento.” (Laclau, 2013, p.91).

Esta distinção entre multidão e grupo requer, principalmente, ir além das características normativas que envolvem organização, ações, normalidade e racionalidade. Nem sempre esta multidão é vista como organizada e a noção freudiana soma elementos que avançam em outro sentido, central ao populismo, que envolvem o afeto e uma motivação maior que levam a seguir um líder, devido a um processo de identificação política que podemos traduzir enquanto possibilidade de haver algo em comum.

Nesta perspectiva e construção de identificação política há uma cadeia de iniciativas, que envolve também uma associação de imagens e palavras, onde se reproduz e se multiplicam seguidores em que uns seguem os outros, ou seguem um modelo de líder “porque o indivíduo, desde o começo de sua vida, está invariavelmente ligado a alguém (...)” (LACLAU, 2013, p.97). O autor chama a atenção de que um líder populista tem diferentes graus de identificação, ou gradações devido à relação entre liderança e liderado, em que varia o possível grau de identificação.

Freud propõe deixar de lado a “sugestão” como um termo que requer explicação, e apelar à *libido* como categoria primordial para explicar a natureza do laço social. Este seria um laço libidinal e, enquanto tal, relaciona-se com tudo que diz respeito ao “amor” (LACLAU, 2013, p.98).

¹⁵ Em tentativas de homogeneizar a sociedade que só articula elementos distintos e não articulados entre si.

Assim, o mais importante para Laclau não é o feito do líder, mas como este se constrói pelas demandas. Desta relação de identificação, que também pode ser político-partidária, o líder já tem uma massa pré-disposta através, e, pelas demandas. “Em outros termos, ela constitui um *ato* no sentido estrito, mas não tem sua origem em nada que seja externo a ela.” (p.324). Pelo amor cego e vislumbre do outro, podemos afirmar que sempre falamos a partir de símbolos, nunca pelo real. “Seu denominador comum é a *idealização* do objeto, que dessa forma se torna imune à crítica.” (LACLAU, 2013, p.100-101).

Freud não explora, exatamente, sobre a necessidade de uma liderança com razões estruturais, mas, trata sobre uma liderança democrática¹⁶. Laclau deixa claro que sua abordagem psicanalítica não representa um “empreendimento freudiano” e sim um ponto de partida para uma pesquisa que busca, em uma pluralidade de tradições culturais, as inferências necessárias para o desenvolvimento de sua obra. “(...) o fundamental para a emergência do “povo” como novo ator histórico é que a unificação de uma pluralidade de demandas numa nova configuração seja constitutiva, e não derivativa.” (LACLAU, 2013, p.324).

Desta forma, o social é interpretado por Laclau a partir das condições ontológicas e epistemológicas pós-fundacionais e pós-estruturais, que possibilitam pensar a complexidade política livre de essencialismos ou determinismos limitados e estruturados. Essas reflexões teóricas são determinantes ao pensamento laclauniano, como a psicanálise freudiana e a lacaniana (que veremos a seguir) e que revelam o quanto o autor teria sido influenciado, em alguma proporção, mas, as dividiu com sua própria capacidade e discernimento sobre a política.

A relação entre a lógica da hegemonia e o objeto lacaniano

Também sob a influência lacaniana, Ernesto Laclau aborda as questões sobre o populismo. Estabelecida uma relação teórica tensa com o marxismo, Laclau vê a noção de hegemonia¹⁷ (enquanto determinada demanda que representa a totalidade que a excede/transcende) a partir do olhar pós-estruturalista, assim, a psicanálise lacaniana é incorporada por sua teoria. Perante o desencontro

¹⁶ “É verdade que, para Freud, o político tem um papel básico no que diz respeito à instauração do laço social.” (LACLAU, 2013, p.103).

¹⁷ “A ideia de hegemonia se refere à transformação do Estado e à ampliação da esfera pública.” (LACLAU, 2013, p.22).

entre o marxismo, pós-marxismo e a teoria lacaniana, nota-se os limites do marxismo, o que permite respostas aos problemas contemporâneos, de acordo com a teoria social.

Lacan permite trazer ao debate a ideia de símbolo, de um real impossível, que permite associar um objeto ao que estamos imaginando, ainda que, um objeto ausente. Assim, o simbólico pode ser reconstruído, como por exemplo, no jogo político em que o sujeito político é aquele que vive sobre as regras das estruturas políticas contingentes. “(...) quando um projeto de transformação social profunda começa a ser implementado, ele entrará em choque, em vários pontos, com a ordem institucional vigente, e esta terá de ser modificada mais cedo ou mais tarde.” (LACLAU, 2013, p.20).

É o objeto/afeto que dará nome ao discurso, ao considerar o populismo na lógica da política, pois, nos movemos pela busca de uma completude. Na obra *A Razão Populista*, Laclau leva a um caminho intelectual que detecta o processo e práticas concretas para a crescente emancipação da identidade política que, naturalmente, se sobressai. Assim, são dados os papéis constitutivos à nomeação e ao afeto.

Para dar conta da abordagem contemporânea, faz-se necessário perceber como os nomes se relacionam com as coisas num universo de demandas em que somos sujeitos da falta, movidos por ela e em direção à busca de uma completude. No sentido lacaniano, trata-se de algo simbólico em que a demanda é um objeto parcial e a partir deste se faz mostrar a falta¹⁸ essencial, segundo Laclau, momento em que somos marcados pela falta, não pelo engano. Laclau ao falar de hegemonia, fala o que Lacan falava do objeto e desta forma traduz seu objetivo teórico numa busca em olhar o mundo contemporâneo e fim de compreendê-lo e explicá-lo.

É somente por meio da abordagem lacaniana que contamos com uma verdadeira inovação: a identidade e a unidade do objeto resultam da própria operação de nomeação. Isto, porém, somente é possível se a nomeação não se subordinar à descrição ou a uma designação anterior. A fim de desempenhar esse papel, o significante tem de se tornar não apenas contingente, mas também vazio. (LACLAU, 2013, p.165).

Toda construção discursiva envolve uma construção de poder, em que um esteja contra o outro, assim, afirma-se que só existe antagonismo se há

¹⁸ “(...) es el sujeto, falta simbólica él mismo, el mismo sujeto como falta el que introduce la división em la colectividad humana.” (STAVRAKAKIS, 2007, p.70).

heterogeneidade¹⁹. A construção hegemônica da cadeia popular ou a centralidade na estrutura, que diz respeito ao lacaniano “ponto nodal”, o que ocorre a partir da contingência²⁰ que será construído o poder e também o que estará contra depende da heterogeneidade que é anterior ao poder que perdurar. “É evidente que sem pontos nodais não existiria, de modo algum, a configuração” (LACLAU, 2013, p.165).

O objeto lacaniano, ou, o objeto ausente, colabora no sentido de esclarecer que é o sujeito que produz identificação e a partir disso constrói caminhos, que abordados pela teoria laclauniana tornam-se úteis para a análise política e social. “(...) a totalização do campo popular (...) somente pode ocorrer se um conteúdo parcial assume a representação de uma universalidade em relação à qual ele é incomensurável. Isso é fundamental” (LACLAU, 2013, p.167).

A partir da constituição de um líder não haverá o responsável direto pela existência da estrutura, mas sim um líder - enquanto representação da estrutura – ou, um nome. Conforme cita Laclau (2013), na visão lacaniana, “(...) a unidade do objeto é um efeito retroativo do ato de nomeá-lo.” (p.170). As coisas não precisam de um significado exato para fazer sentido, há algo que é anterior a isso, constitutivo e a isso chamamos de falta. Laclau considera fundamental uma teoria que coleta dados, na perspectiva de uma ontologia geral que promove as reflexões de Lacan e considera o ser, o sujeito e o objeto, de forma a conhecer o social. “Esse é o ponto em que o nome, altamente investido afetivamente, não apenas expressa a unidade do grupo, mas também se converte em seu fundamento” (LACLAU, 2013, p.327).

Laclau chama a atenção para a dimensão ontológica em que não há política sem populismo, já que se trata de uma lógica política e a instituição de algo novo que tem sua origem na construção do povo. “Assim podemos concluir que qualquer todo social resulta de uma indissociável articulação entre dimensões significantes e afetivas”. (p.173-174). O que faz os sujeitos é a falta, mas ela é parcializada, desde a infância quando passamos a sublimá-la. “É então que Lacan radicaliza o pensamento de Freud: a Coisa perdida não é uma *impossibilidade de pensamento*, mas um *vazio do Ser*” (p.175).

O momento do populismo considera o discurso que fica, satisfaz e privilegia as equivalências, a completude da falta que prevê satisfazer o povo e

¹⁹ Enquanto margem do sistema simbólico – excluído. Trata-se de uma exclusão do discurso antagonico, pode aparecer ou, nunca aparecer.

²⁰ Enquanto possibilidade eventual, não necessariamente verdade, não necessariamente falsa.

considerá-la uma categoria política, em que a *plebs* reivindica o *populus*. Laclau esclarece que não há sucesso ao populismo sem que se considere o afeto, em um investimento na parcialidade, sem a desordem e principalmente sem demandas. Na ordem social, não há uma plenitude realizável, a não ser pela hegemonia que só se apresenta em um objeto parcial, de modo deficiente. “A lógica do objeto *a* e a lógica hegemônica não são apenas semelhantes: são simplesmente idênticas.” (LACLAU, 2013, p.180).

Considerações

A partir de Laclau as noções de populismo são fundamentais para a discussão sobre representação e democracia. Para tanto, o autor primeiro elabora um conceito ampliado de populismo e a partir disso enfatiza as consequências, deste conceito elaborado, para a política e a democracia que sustentará a reflexão central da teoria política²¹. Laclau é radical e se opõe às visões mais difundidas do populismo que navegam entre a concepção de um líder carismático, o que enfraquece a democracia representativa, e, a concepção antiliberal, assistencialista e demagógica.

Segundo o autor, o conceito de populismo²² depende de três variáveis:

(...) relações de equivalência representadas hegemonicamente através de significantes vazios; deslocamento das fronteiras internas mediante a produção de significantes flutuantes; e uma heterogeneidade constitutiva que torna impossíveis as recuperações dialéticas e confere à articulação política sua verdadeira centralidade. (LACLAU, 2013, p.230).

O diferencial, na forma de articulação predominante em Laclau está no foco a partir de várias abordagens teóricas para o populismo. No caso da representação política, é fundamental que os representantes, como os deputados, representem o povo fazendo este estar presente, [mas sem estar]; trata-se da presença de uma ausência. Esta representação, efetivamente compre a sua missão à medida que não altera a reprodução da voz dos representados. A ideia de hegemonia e de significante vazio²³ já traz o conceito ao processo de representação.

²¹ Na teoria laclauniana, a política se dá pelo antagonismo entre identidades discursivas que disputam a construção do pensamento hegemônico em uma sociedade.

²² O populismo é considerado externo, fora do poder. Trata-se de uma lógica política que institui e funda algo novo na lógica da construção do povo.

²³ “A consequência é inevitável: a construção de um povo é a condição *sine qua non* do funcio-

O caminho teórico em que se explora a razão política reconhece a teoria democrática como algo positivo a partir do século XVIII, mas adverte que a democracia não é algo tão perfeito. Aliás, a democracia no passado carregava o preço de um termo tão pejorativo, quanto o populismo carrega e que só foi vencido pelo oneroso caminho das revoluções.

A teoria democrática, começando por Rousseau, sempre manteve grandes desconfianças em relação à representação, aceitando-a apenas como um mal menor, dada a impossibilidade de democracia direta em grandes comunidades como os modernos Estados-nação. Partindo dessas premissas, a democracia tem de ser tão transparente quanto possível: a representação precisa transmitir com máxima fidelidade à vontade daqueles que ela representa. (LACLAU, 2013, p.232).

O que Laclau cumpre é chamar a atenção para a dimensão ontológica²⁴, ao fato de que não há política sem populismo²⁵. Para o autor há um momento anterior à representação em que existe uma vontade, um desejo e constituição das identidades com a construção do povo o que gera um processo, que se constrói em um mesmo momento. “Assim, a representação é um processo de mão dupla: um movimento do representado em direção ao representante e um movimento correlativo do representante em direção ao representado.” (LACLAU, 2013, p.232).

A hipótese de considerar o populismo no poder representa o auge do antagonismo, um confronto entre dois campos. O que se tem apresentado, por exemplo, na América Latina, traduz a teoria de Laclau ao assegurar a participação da população no âmbito político. Ao fortalecer a democracia e impedir que esta seja reduzida a um sistema de gestão técnico, somente influenciado por interesses econômicos. Neste momento, ocorre o embate entre populismo e institucionalismo, em que há movimentos, com possibilidades de ascensão das massas excluídas a partir de mudanças sociais e perante o bloqueio das transformações, devido à manutenção das estruturas institucionais até então vigentes.

namento da democracia. Sem a produção de vazio não existe “povo”, não existe populismo, mas também não existe democracia.” (LACLAU, 2013, p.246).

²⁴ O valor ontológico está na ideia de ordem, no sentido de completude. Assim, o populismo é mais do que a lógica da diferença, mas soma-se a elementos da equivalência, a fronteira antagonística, está na institucionalidade.

²⁵ A lógica da construção populista serve para mostrar que o lugar do poder e vontade do povo não estão no parlamento, logo, não há o direito de contrariar o povo.

Toda a análise de Laclau conduz a uma dubiedade sobre a questão da democracia, já que o que faz a política é o momento. Neste caminho, tratar da política é falar do impossível, sobre a constatação de infinitas demandas em que o processo de representação e os símbolos geram tensos momentos. “O líder torna-se, assim, produtor de símbolos, e sua atividade, não mais concebida como um “agir em favor” de seus eleitores, começa a identificar-se com uma liderança efetiva.” (LACLAU, 2013, p.234).

A *Razão Populista* exclui o populismo da marginalidade política e sugere um modelo capaz de ampliar as bases democráticas da sociedade, como também propõe “(...) analisar se as fontes de validade das razões *precedem* representação ou são constituídas *através* da representação.” (LACLAU, 2013, p.235). Segundo Laclau, a relação de representante é equívoca, em que há somente uma constituição de sentidos de vontades existentes.

Por isso, a partir de Laclau, o populismo é uma forma de construção da política, sem uma ideologia específica, mas que considera as demandas populares não atendidas, sinônimo de corte ou ruptura com o sistema e que coloca o povo e as instituições formais em posições diferentes. A política pode reativar o momento da instituição e o efeito da ideologia “(...) através da combinação entre homogeneidade e heterogeneidade na qual consiste a representação.” (LACLAU, 2013, p.237). Portanto, se tomarmos as condições do momento político, sob o ponto de vista de laclauniano, consideramos o lulismo um modelo de populismo. Esta construção política pelo discurso populista surge do nada, não está em uma base de formação ou em um lugar, mas na elevação e importância das demandas, numa condição discursiva e qualitativa para surgir. Segundo Laclau “(...) trata-se de *produzir* o vazio a partir da operação da lógica hegemônica. Para mim, o vazio é um tipo de identidade, não uma localização estrutural.” (LACLAU, 2013, p.242). Para o autor, a construção hegemônica indica o poder, o processo de representação.

Na democracia, qualquer cidadão poderá chegar ao poder, mas este poder é personificado, natural e também repostado, mediante uma construção do vazio²⁶ com a ausência do representado, inerente a forças políticas que se apoderam das demandas democráticas. Estas demandas surgem constantemente, por meio de uma variedade de categorias com reivindicações pontuais. Mas, se por um lado é

²⁶ “O vazio não é apenas um dado da lei constitucional: é uma construção política.” (LACLAU, 2013, p. 247).

importante para a democracia a emergência e variedade de demandas, por outro, cabe salientar que, se estas demandas não são traduzidas em projetos de mudança por parte daqueles que representam o Estado, elas não se tornarão políticas e serão diluídas.

Para Laclau, a democracia é a construção da vontade popular, não se trata de um regime político. A partir desta ideia é relevante compor projetos políticos de longo prazo, planejar objetivos políticos para mudar as coisas e levar em conta a ética, o cinismo e também considerar que o “politicamente correto” não é nada mais do que um discurso, muitas vezes em nome de grandes causas e na defesa de direitos particulares.

Referências

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. O estádio do espelho como formador de função do Eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

STAVRAKAKIS, Yannis. **El sujeto lacaniano: la imposibilidad de la identidad y la centralidad de la identificación**. In: _____. **Lacan y lo político**. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

WEFFORT, Francisco Corrêa. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

Documentos eletrônicos online

MENDONÇA, Daniel de. **Democratas têm medo do povo? O populismo como resistência política**. Cad. CRH vol.32 no.85 Salvador Jan./Apr. 2019 Epub June 03, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000100185&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 05 dez. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Ernesto Laclau: da democracia radical ao populismo**. E-legis, Brasília, n. 24, p. 22-38, set/dez 2017. Disponível em: <http://e-legis.camara.leg.br/cefor/index.php/e-legis/article/view/366>. Acesso em: 05 dez. 2019.